

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

A FORMA-SUJEITO DO/NO DISCURSO NO PROCESSO METAFÓRICO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO NOME “PORTUGUÊS” NA ARGENTINA

Gabriel Leopoldino dos Santos
gsantos18@gmail.com
Mestrando em Linguística
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

O texto que ora apresentamos é parte integrante de um projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, no seu Programa de Pós-Graduação em Linguística, que se intitula “O tratamento enunciativo da metáfora no estudo da designação do nome *português* na América Latina: um trabalho com Política de Línguas”, sob a orientação do professor Dr. Eduardo Guimarães e com apoio da FAPESP.

Dessa forma, o intuito da nossa apresentação consiste em contribuir com uma reflexão que ainda se encontra no seu estágio inicial e, justamente por esse motivo, pode apresentar pontos que precisam ser mais bem lapidados. No entanto, o espaço de debate proporcionado pelo SEAD é muito profícuo para que nossas ideias sejam colocadas em cena, possibilitando a produção de alguma reflexão interessante no campo das ciências da linguagem.

Há algum tempo estamos trabalhando, num plano teórico, com a relação entre *metáfora* e *designação de nomes* no interior da Semântica da Enunciação e, num plano analítico, com os efeitos de sentido que essa relação traz no estudo da designação do nome *português* numa região específica da Argentina: a cidade de Concordia, na província de Entre Ríos, localidade esta que abriga um curso de Professorado em Português na Universidade Nacional de Entre Ríos (UNER). Embora a compreensão desse espaço de enunciação seja fundamental em nossas análises, não nos deteremos nele, já que este não é nosso foco de atenção nesse momento.

Visto que no projeto de pesquisa acima descrito estabelecemos um diálogo teórico-epistemológico com a Análise de Discurso que vem sendo feita no Brasil a partir dos trabalhos de

Michel Pêcheux, optamos, então, por tomar o seu texto “A forma-sujeito do discurso”, presente na obra *Semântica e Discurso (Les vérités de la Palice*, no seu título original em francês), como base teórica para pensarmos a produção de sentidos da metáfora na sua relação com a designação de nomes de línguas nacionais (cf. Guimarães, 2002, 2007), sendo que o nome “português” é o que nos interessa mais de perto, tal como esperamos tê-lo mostrado anteriormente.

Uma das razões aparentes para recolocarmos em estudo a metáfora, apesar de todos os trabalhos que se tem feito sobre ela enquanto um processo discursivo, tem a ver com os seus sentidos ainda circulantes de forma de desvio do sentido literal das palavras (cf. Joanilho, 1996, 2005) que, numa tradição de estudos referencialistas, acarretaria, como consequência, pensar que os sentidos de uma palavra ou expressão linguística estariam “colados” — como se fossem os dois lados de uma mesma folha de papel, para retomarmos uma comparação de Saussure do *Curso de Linguística Geral* — à realidade empírica que essas palavras ou expressões referem. Em nossa perspectiva, essa tomada de posição frente à metáfora consiste na retomada de uma tradição de estudos historicamente consolidada que remonta aos estudos de Poética e Retórica gregas realizados antes de nossa era. Assim, esse movimento teórico fundamenta uma reflexão sobre a linguagem que a considera como homogênea, acabada e sem possibilidades à falha e ao equívoco. Em outras palavras, não há abertura para se pensar a língua e sua historicidade constitutiva.

Já que as definições tanto de *metáfora* quanto de *designação de nomes* se ligam a uma concepção que se tem de língua e linguagem, diremos que do nosso ponto de vista nada do que dissemos no parágrafo anterior é possível. A língua, sempre inacabada, abre-se para a possibilidade, sempre constante, do deslocamento de sentidos que as palavras, ou melhor, que os significantes possuem em dadas condições sócio-históricas de produção. Sobre isso a leitura que estamos propondo fazer do já referido texto de Pêcheux nos fornece uma sustentação quando diz:

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

E, na sequência, o autor reescreve o excerto acima da seguinte forma:

Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux, 1988, p. 160 — os destaques são do autor)

Como vemos, a língua, nessa posição que tomamos, possui uma realidade que é simbólica, significada, portanto, na sua relação com a história e com a ideologia. Por isso, essa posição não nos permite, porque estamos inscritos nela, a conceber a existência de um “sentido literal” que pudesse

possuir um “sentido secundário” ou “sentido figurado”, mais ou menos como as noções de “denotação” e “conotação” poderiam sugerir. Como os sentidos não estão empiricamente presos às palavras, podemos pensar que seus laços (entre as formas-materiais da língua e os sentidos) se dão “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [que empregam as palavras, expressões e proposições]” (*idem, ibidem*).

Para os nossos objetivos, essas considerações empreendidas por M. Pêcheux nos são muito caras, visto que representaram para nós, em algum momento do nosso trabalho intelectual, um alimento para a reflexão que nos auxiliou a conceber diferentemente a metáfora na sua relação com a designação de nomes de línguas nacionais.

A partir dos fragmentos supracitados, queremos relacioná-los com o modo bastante específico com o qual estamos operando para entender a metáfora. Retomando uma definição de Joanilho (1996, p. 70), diríamos que ela é

[...] um movimento de sentido que produz efeitos. Ela introduz um “modo de significar” que não é apenas um desvio de sentido, mas a própria instauração de uma subjetividade, pois, como veremos, uma construção metafórica propõe, através do jogo de posições ou alternância de vozes-sujeito no enunciado, uma singularidade nos domínios da enunciação.

Certamente, Joanilho (*idem, ibidem*) fala de um lugar que não é exatamente o da Análise de Discurso, mas sim o dos estudos da enunciação, num diálogo, assim como o nosso, com a AD. Sabemos que isso traz deslocamentos importantes nas análises linguísticas e discursivas, mas não nos convém neste ponto do texto discorrer sobre as implicações que há em se dizer (ao se inscrever) enquanto falando de dentro da AD e enquanto dialogando com ela.

Retomando o fio da meada de nossa reflexão, estamos estabelecendo uma relação entre esse “jogo de posições ou alternância de vozes-sujeito no enunciado”, conforme o texto de M. Joanilho (*idem, ibidem*) com o que diz M. Pêcheux quando formula que as palavras (ou expressões ou proposições) “adquirem seu sentido em referência [...] às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições [relação da língua com aqueles que a empregam] se inscrevem” (Pêcheux, 1988, p. 160).

A possibilidade de um “sentido literal” só existe na medida em que levamos em consideração o “jogo de posições (do sujeito)” em uma dada “formação discursiva”, sob o efeito de evidência proporcionado pelo funcionamento da Ideologia. Eis o que nos diz Pêcheux (1988) sobre isso:

Concluiremos esse ponto dizendo que o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas — aceitas — experimentadas. (p. 162)

Nesse sentido, o modo como o nome “português” é designado no espaço de enunciação que tomamos para a nossa pesquisa significa nessa relação entre as posições do sujeito e as formações

discursivas nas quais essas posições se inscrevem e ganham corpo. Considerando-se, dessa maneira, que “a *designação* é uma relação linguística de sentido enquanto exposta ao real” (Guimarães, 2007, p. 81), vemos que tanto a metáfora como a designação, nos modos como as estamos compreendendo aqui, se constituem por meio de “relações”, que são de natureza lingüístico-discursiva.

Retomamos, então, um recorte que já analisamos em um outro trabalho, desde uma perspectiva teórica também outra, que intitula-se “Cultura e participação linguística na relação entre Argentina e Brasil: um estudo sobre política de línguas” (conferir referências bibliográficas ao final). Antecipamos que não teremos condições espaciais de desenvolver uma análise aprofundada do recorte que estamos querendo colocar em discussão. Passemos ao recorte:

Entrevistador: Qual é a visão de língua portuguesa que se tem ou que se procura construir?
AC: Há diferentes representações sociais em torno da língua portuguesa, tanto no nível da academia quanto, digamos, no nível da população em geral. [...] são diferentes visões [...] para alguns, por exemplo, português é espanhol mal falado... talvez por muitas semelhanças entre as línguas; para outros o português é uma língua com muita música, uma língua com... eh... digamos... que chama muito a atenção pela entoação, pelo canto da, do falante de português; para outros a língua portuguesa é uma língua... digamos uma língua de segunda ordem em relação às outras línguas que ocupam um espaço mais privilegiado dentro das representações sociais, como poderiam ser, dentro da cultura argentina, o inglês, o francês e mesmo, digamos, o italiano e o alemão em termo, digamos, em termos do que essas línguas representam em função das construções culturais eh, eh, da contribuição cultural dos, dos, países respectivos. Por outro lado há, no geral, um desconhecimento bastante grande da língua portuguesa, eh, em qualquer das suas varian... variedades: européia, americana etc. e dos produtos culturais, a não ser, digamos, no ge... que se conhece, no geral, a música popular brasileira, mas se conhece outros tipos de música, eh, brasileira. É muito pouco conhecida a produção artística e mesmo até, às vezes, a produção literária brasileira, eh, a produção artística e mesmo até, às vezes, a produção científica brasileira. [...] por isso as visões são bastante heterogêneas, eh, no geral, também, há uma idéia de que o português não é uma língua útil de ser aprendida, não merece o esforço de se aprender porque, afinal, posta numa situação de comunicação, eh, brasileiros e argentinos em algum momento vão ter que “se virar” pra poder se entender e, portanto, não se vê bem a utilidade de sua, de seu aprendizado. Mas as visões são muito diferentes, muito diferentes... acho que varia de acordo com o nível sociocultural das pessoas, com a formação acadêmica das pessoas, eh, mas volto a repetir: a idéia é que, eh, a língua em si é uma língua associada com... esse sentido de musicalidade, da cadência da língua por um lado, e por outro essa visão de língua portuguesa como uma língua de, de, digamos, de segunda ordem em importância em relação ao resto das línguas que circulam socialmente no nosso país.

A partir do que temos presente acima, podemos dizer que os sentidos do nome “português” não se constroem pela posição empírica que o sujeito entrevistado possui no acontecimento da enunciação, mas sim pela sua posição simbólica e histórica de sujeito do discurso.

Há, como podemos observar no recorte, movimentos diferentes de sentido que constituem a designação do nome “português”. Esta não consiste na listagem das formas de como esse nome é definido. Não nos interessa dizer que em alguns pontos o português é definido como “espanhol mal falado” ou como “língua de segunda ordem”, enquanto que em outros ele é “uma língua com muita música”, que “chama muito a atenção pela entoação, pelo canto do falante de português”. Interessamos, pois, o modo como essas formulações se relacionam a certas posições de sujeito que se inscrevem nas mesmas ou em diferentes formações discursivas.

Com isso, o deslocamento operado pelos sentidos do nome “português” nesse acontecimento liga-se ao movimento que há aí de posições. Ao se formular, na enunciação, que o “português é um espanhol mal falado”, configura-se diferentemente a memória discursiva daquela que possibilita a formulação que diz que o “português é uma língua com muita música”. São duas regiões específicas do interdiscurso que vemos aparecer nessas duas formulações com as quais estamos trabalhando. E o recorte dessas regiões do interdiscurso se dá, para nós, pela tomada de posições pelo sujeito na enunciação.

Sob o efeito de evidência, as formulações como “as visões [de “português”] são bastante heterogêneas” ou “há diferentes representações sociais em torno da língua portuguesa, tanto no nível da academia quanto, digamos, da população em geral”, e das formulações que aparecem determinando o que seriam essas “diferentes representações sociais”, funcionam no imaginário do sujeito determinando uma certa “neutralidade” para o seu discurso, que é aquele da ciência (isso se levamos em conta a posição do sujeito no discurso, ou seja, a sua forma-sujeito cientista). Retomando outro dizer de Pêcheux (1988),

[...] a interpelação em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma [...] enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (p. 163)

Assim, o sujeito “se esquece” (considerando o modo como Pêcheux trata dos “esquecimentos” nesse mesmo texto) de que fala segundo posições que determinam semanticamente o seu dizer. Queremos, com isso, apontar para fato de que o sujeito toma as designações de “português” na sua superficialidade, ou melhor, na sua aparência, sob o efeito de meros pré-construídos.

O estudo da metáfora, tal qual a conceituamos em nosso trabalho, na relação com a designação de nomes, permite-nos olhar diferentemente para esse recorte, de maneira que possamos observar um litígio de posições que se materializam no discurso do sujeito entrevistado. Ou seja, o jogo de posições que é possível ver materializado no enunciado em questão desvela um espaço de conflito entre línguas onde o português se significa à medida que é significado ora por “espanhol mal falado” ora por “língua com muita música”. E essa alternância de posição de que estamos falando não é do plano da “consciência” do sujeito, mas algo que o invade, que o interpela, sem pedir licença. É por isso que não se trata de um “desvio” de sentido, mas de considerações materiais da produção semântica do e no discurso (é o real da língua na relação com o real da história, como já disseram Gadet & Pêcheux (2004)).

Referências bibliográficas

- Gadet, F. & Pêcheux, M. *A língua inatingível: o discurso na história da Linguística*. Trad. por Bethania Mariani & Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.
- Guimarães, E. *Semântica do acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.
- _____. “Domínio semântico de determinação”. Em: _____. & Mollica, M. C. (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas, SP: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- Joanilho, M. P. G. *Por uma abordagem discursiva da metáfora*. Campinas, SP: Unicamp, 1996. (Dissertação de mestrado)
- _____. *As metáforas da língua nacional*. Campinas, SP: Unicamp, 2005. (Tese de doutorado)
- Orlandi, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- Pêcheux, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. por Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.
- Santos, G. L. *Cultura e participação linguística na relação entre Argentina e Brasil: um estudo sobre política de línguas*. São Carlos, SP: UFSCar, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso)